

**DA METÁFORA: A INOVAÇÃO ANALÓGICA NA LINGUAGEM**  
**ON METAPHOR: THE ANALOGIC INNOVATION IN LANGUAGE**

Flávia Santos da Silva  
 Mestre em Estudos Linguísticos  
 Universidade Federal de Uberlândia  
 (flaviasantosbr@hotmail.com)

**RESUMO:** Émile Benveniste retoma as teorizações de Ferdinand de Saussure em seus pressupostos teóricos. Deste modo, neste trabalho, objetivamos evidenciar que a definição benvenistiana de metáfora tem em Saussure suas bases. Isso porque aquele a define como transferência analógica de denominações. Tomamos, pois, “analógico” à saussuriana, para mostrar que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas, sobretudo, um mecanismo que funciona segundo as leis da analogia, permitindo a inovação linguística no e pelo discurso. Para tanto, fazemos a leitura do texto *Coup d’oeil sur le développement de la linguistique* de Benveniste, naquilo em que concerne à faculdade simbólica da língua. Também problematizamos o capítulo sobre a analogia do *Cours de linguistique générale* em conjugação com sua edição crítica por Rudolf Engler, fazendo compreender que a noção de inovação linguística não implica que o locutor modifique a língua a seu bel prazer, mas que ele seja constituído como sujeito pelo funcionamento do discurso. Mobilizamos esses conceitos na análise do emprego da língua portuguesa a partir de títulos de artigos de um periódico *online*.

**Palavras-chave:** Émile Benveniste. Ferdinand de Saussure. Metáfora. Analogia; Discurso

**ABSTRACT:** Émile Benveniste follows the tracks left by Ferdinand de Saussure in his theoretical assumptions. That way, we aim at demonstrating that Benveniste’s definition of metaphor has Saussure on its basis. This is so because Benveniste defines it as the analogical transference of denominations. So, we take “analogical” from Saussure’s definition to show that the metaphor is not only a figure of speech but also a mechanism that functions according to the laws of analogy, promoting the linguistic innovation in and by means of discourse. For that, we discuss the text *Coup d’oeil sur le développement de la linguistique* by Benveniste in what it concerns the symbolic faculty of language. We also discuss the chapter on analogy in the *Cours de linguistique générale* with its critical edition by Rudolf Engler, making comprehensible that the concept of linguistic innovation does not imply the speaker can change the language the way he wants to, but it implies the speaker is constituted by the discourse. We operate such notions in an analysis of the employ of Portuguese by means of article titles in an online newspaper.

**Keywords:** Émile Benveniste. Ferdinand de Saussure. Metaphor. Analogy. Discourse

## Introdução

Em 1902, a Síria deu à luz a Ezra Benveniste, que não demoraria muito para mostrar à Europa seu vigor intelectual. Alguns anos depois, naturalizado Émile Benveniste na França, desde a juventude, ele já se interessava pelo estudo das línguas. Contando apenas 20 anos, publicou seu primeiro artigo, *Futurs et*

*subjonctifs sigmatiques du latin archaïque*, sob a orientação de Antoine Meillet. O título nos mostra que a escrita desse trabalho exigiu um investimento de estudos de que poucos nessa idade conseguem encarregar-se, o que demonstra uma precocidade para com o fazer científico.

Ferdinand de Saussure, por sua vez, aos 23 anos, defendeu sua tese de doutorado, *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, sendo que, dois anos antes, havia escrito seu mais célebre trabalho publicado em vida, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*.

Para além da mesma genialidade temporã, esses dois cientistas da linguagem tinham algo em comum com relação ao como desenvolver suas pesquisas: ambos tomavam o método e os conhecimentos adquiridos em Gramática Comparada e em Filologia para refletir sobre o funcionamento da língua. Sobre isso, Benveniste foi além de Saussure, sem ultrapassá-lo: tomou esses conhecimentos para pensar a língua no e pelo funcionamento do discurso. Por isso, ele é considerado um dos primeiros teóricos da modernidade a pensar a subjetividade na linguagem.

Nunca se havia pensado antes que o estudo do indo-europeu, do sânscrito, do latim, do grego, do iraniano, entre outros, em comparação com as línguas modernas, permitisse entrever propriedades que configurassem um sistema semiológico, o qual serviria de objeto para uma Linguística moderna.

Assumindo-se saussuriano (BENVENISTE, 1963a, p. 33), Benveniste toma a empresa de Saussure como a sua própria, deixando marcado em seus textos que o estudo de toda e qualquer manifestação da linguagem não pode ser feito por si só, mas antes de tudo, deve servir de ponto a partir do qual se induzem propriedades semiológicas da língua. A metáfora, enquanto fato linguístico, deve ser compreendida como um dos mecanismos da língua que permite apreender-lhe o funcionamento, que só é possível graças ao discurso. A língua começa no discurso, como afirma Benveniste (1962, p. 131): nada está na língua que tenha estado anteriormente no discurso.

Por esse motivo, neste trabalho, objetivamos evidenciar que a definição benvenistiana de metáfora tem em Saussure suas bases. Isso porque aquele a define como transferência analógica de denominações (BENVENISTE, 1963b, p. 28). Tomaremos, pois, “analógico” à saussuriana, para mostrar que a metáfora não é

apenas uma figura de linguagem, mas, sobretudo, um mecanismo que funciona segundo as leis da analogia, permitindo a inovação linguística.

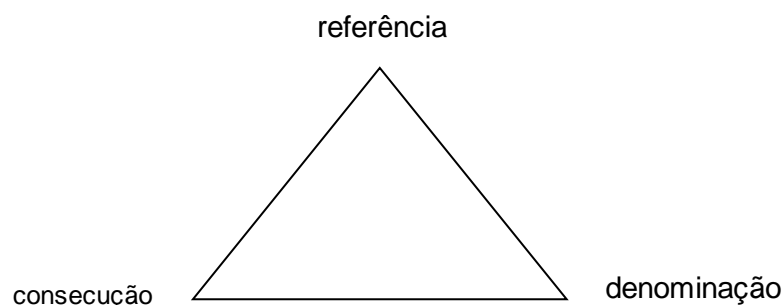
Para tanto, faremos a leitura do texto *Coup d'oeil sur le développement de la linguistique* de Benveniste, naquilo em que concerne à faculdade simbólica da língua, de onde ele formula o conceito de metáfora a partir da concepção saussuriana de analogia. Assim, problematizaremos o capítulo sobre a analogia do *Cours de linguistique générale* em conjugação com sua edição crítica por Rudolf Engler, fazendo compreender que a noção de inovação linguística não implica que o locutor possa modificar a língua a seu bel prazer. Finalmente, faremos uma análise do emprego da Língua Portuguesa no discurso a partir de títulos de artigos da Folha de São Paulo *online*, operacionalizando as noções previamente discutidas.

### **A metáfora e a faculdade simbólica da língua**

Na segunda parte de *Coup d'oeil sur le développement de la linguistique*, Benveniste (1963b, p. 28) declara que a linguagem oferece uma estrutura relacional. Isso porque o locutor herdou um aparelho conceitual que funciona no sistema. Essa herança remonta à fala e o sistema é a própria língua; por isso, o conceito de linguagem que é ali tomado é o conceito saussuriano.

Assim, quando o locutor se apropria desse aparelho conceitual de língua que herdou e o maneja em ato, a enunciação, ele produz discurso, do qual, o que sobra, são as frases. Como as frases estão para a ordem do semântico, seu manejo sempre se dá em uma língua específica; por isso, a linguagem oferece uma estrutura.

Essa estrutura, segundo esse autor, é relacional por três motivos. Porque, no discurso, a linguagem: (i) coloca palavras e conceitos em relação, o que produz signos que representam referentes materiais, no modo semiótico; (ii) permite que as frases sejam relacionadas entre si, numa cadeia de consecução, propiciando o raciocínio do pensamento discursivo, isto é, pensamento organizado em língua e que produz discurso quando o locutor se apropria dela; (iii) institui um fator de enriquecimento conceitual, a metáfora, que se constitui de transferências analógicas de denominações. Há, pois, na linguagem, um jogo de relações que se organiza em um tripé, o qual poderíamos esquematizar assim:



**Figura 1: Tripé de funcionamento da linguagem**

**Fonte: A autora.**

Por constituir-se a metáfora de transferências analógicas de denominações e para atingir o objetivo específico deste trabalho, foquemos o estudo em apenas um dos pontos do tripé, a denominação, neste item, e, no próximo, na analogia, que propicia um tipo específico de denominação, a metáfora, como a definição de Benveniste permite entrever.

A denominação está fundada sob três conceitos teóricos: a emergência do homem no mundo, a simbolização e a natureza linguística dupla. Sobre o primeiro, Benveniste (1963b, p. 27) afirma que a emergência do homem entre os seres vivos dá-se muito menos pelo fato de sua coluna ter-se alinhado verticalmente, favorecendo o desenvolvimento do cérebro, do que pelo fato de ter desenvolvido, nos clãs em que vivia e ao longo dos milênios, a faculdade simbólica de representar o pensamento e o mundo pelo discurso.

Do hominídeo, nascido na natureza, instaura-se o homem no mundo, nascido na cultura. O homem não nasceu uma vez na natureza e depois na cultura: se ele é homem, ele já é constituído da capacidade de representar o seu entorno, organizando-se em sociedade e tomando a palavra como meio de viver, o que funda a cultura no mundo, a qual é tudo o que extrapola as necessidades biológicas do homem (BENVENISTE, 1963b, p. 30).

Por conseguinte, não se trata meramente de o hominídeo ter-se *transformado* em homem, como se houvesse uma passagem direta, mas, sobretudo, de ter havido uma confluência de fatores concomitantes – a sociedade, a língua e a cultura – para a invenção de um *ego* que se constituísse como *ego* apenas na

diferença com um *tu* por meio do funcionamento simbólico da linguagem. Assim, a data de fabricação desse *ego*, tanto no que concerne à língua quanto à instância da própria subjetividade, é mera ficção.

Desta maneira, Benveniste (1963b, p. 27) se refere à simbolização ora como “*faculté de représentation symbolique*” ora como “*capacité symbolique*”<sup>1</sup>. Por “*faculté*”, compreendemos “*possibilité naturel ou légale de faire quelque chose*” (FACULTÉ. In: MORVAN, 2011, p. 282)<sup>2</sup> e, por “*capacité*”, “*qualité d’une personne capable de comprendre, de faire quelque chose*”(CAPACITÉ. In: MORVAN, 2011, p. 102)<sup>3</sup>. Na primeira definição, entendemos “ou” como disjuntivo, portanto, em simbolizar não está embutida apenas uma possibilidade natural, que advém da natureza – o cachorro tem a faculdade de latir, por exemplo - mas uma possibilidade legal, que é efeito do viver em sociedade. Relacionando essa à segunda definição, percebemos que o homem pode ir e vir na sociedade justamente porque *compreende* essa sociedade, isto é, apreende-a linguisticamente, fazendo denominações.

Consequentemente, o homem olha para o mundo e o efeito disso não é um decalque do real, mas “*fonctions conceptuels*”<sup>4</sup> (BENVENISTE, 1963b, p. 27). Sobre “*fonction*”, temos “*rôle joué par un élément dans un ensemble, destination d’un appareil*” (FONCTION. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado)<sup>5</sup>. Um elemento do mundo se apresenta ao homem como desempenhando um papel dentro de um jogo de relações por meio do aparelho da língua. Segundo o ponto de vista, esse papel pode ser um ou outro(s). Por isso, o objeto não se mostra tal como ele é. O homem representa esses objetos mediante o pensamento organizado em língua, por isso essas funções são conceituais:

La pensée n’est rien autre que ce pouvoir de construire des représentations des choses et d’opérer sur ces représentations. Elle est par essence symbolique. La transformation symbolique des éléments de la réalité ou de l’expérience en concepts est le processus par lequel s’accomplit le pouvoir rationalisant de l’esprit. (BENVENISTE, 1963b, p. 28)<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Tradução nossa: “faculdade de representação simbólica”, “capacidade simbólica”. Todas as traduções doravante são nossas.

<sup>2</sup> “possibilidade natural ou legal de fazer algo”.

<sup>3</sup> “qualidade de uma pessoa capaz de compreender, de fazer algo”.

<sup>4</sup> “funções conceituais”.

<sup>5</sup> “papel jogado por um elemento em um conjunto, destinação de um aparelho”.

<sup>6</sup> “O pensamento não é nada além desse poder de construir representações de coisas e operar sobre

O pensamento é a capacidade, portanto, já significado, que permite ao homem: (i) construir representações e (ii) operar essas representações. Tanto a construção quanto a operação se dão via língua pelo discurso, já que o pensamento é essencialmente simbólico, portanto, estruturado em língua. Em outras palavras, é como se a língua simbolizasse o mundo possuindo como efeito a própria língua: a língua constrói representações e a língua opera essas representações, representações que, por serem funções conceituais, já são elas mesmas linguísticas. Essa operação, pois, produz discurso, por isso, o pensamento é discursivo.

E é esse processo que funda a razão no homem, a qual é uma propriedade que o constitui no jogo da simbolização: pensamento – mundo – língua, que, na verdade, seria língua – mundo – língua. Representando o mundo, a língua se desdobra sobre ela mesma, o que permite ao homem raciocinar.

Nesse sentido, Benveniste (1963b, p. 28) continua: “la pensée n’est pas un simple reflet du monde; elle catégorise la réalité, et en cette fonction organisatrice elle est si étroitement associée au langage qu’on peut être tenté d’identifier pensée et langage à ce point de vue”<sup>7</sup>. Essa categorização produz as denominações. Como essas não são um simples reflexo do mundo, elas são categorizadas em função do discurso, que se dá por meio da linguagem, e não em função do mundo em si.

Sobre isso, façamos a ressalva de que, como a linguagem não implica apenas fala, o pensamento é organizado em língua, não em uma língua particular. A língua, como sistema, é um princípio de classificação (SAUSSURE, 1964, p. 25). Uma língua particular é uma estrutura, um idioma funcionando nesse sistema. O pensamento não se organiza em estrutura, mas em sistema. Ele é organizado em língua, mas operacionalizado em linguagem, produzindo discurso; por isso, a linguagem oferece uma estrutura relacional ao locutor. Portanto, a capacidade racionalizante do homem não se circunscreve às propriedades da sua língua materna, senão, ele não conseguiria aprender outras línguas, a tradução não existiria, entre outros.

---

essas representações. Ele é, por essência, simbólico. A transformação simbólica dos elementos da realidade ou da experiência em conceitos é o processo pelo qual se realiza o poder racionalizante do intelecto”.

<sup>7</sup> “O pensamento não é um simples reflexo do mundo. Ele categoriza a realidade e, nessa função organizadora, ele está tão estreitamente associado à linguagem que se pode ser tentado a identificar pensamento e linguagem nesse ponto de vista”.

Como a linguagem permite ao homem categorizar o mundo via discurso, produzindo as denominações, ela é a expressão simbólica por excelência: todos os outros sistemas semiológicos derivam de seu funcionamento, já que ela possui uma natureza dupla (BENVENISTE, 1963b, p. 28): (i) o plano físico, do falar ou do escrever, que permite a impressão das imagens acústicas nos locutores, facultando ao *ego* comunicar-se constituindo-se pelo *tu*; (ii) o plano das idéias, que proporciona a veiculação de sentidos, os quais substituem, representando, os eventos e as experiências vividas pelo locutor no mundo. Cabe ressaltar que, para Saussure (*apud* ENGLER, 1989, p. 232), o plano material da linguagem não é propriamente linguístico, já que o que interessa à Linguística não é o falar ou o escrever propriamente falando, mas as imagens acústicas e conceituais que decorrem disso.

Assim, por meio das denominações, a linguagem toma o papel de mediadora das experiências interiores de um locutor a outro, por se realizar sob uma forma específica: “*expression articulée et représentative, et non par un signal tel qu’un cri modulé*” (BENVENISTE, 1963b, p. 28)<sup>8</sup>. A linguagem se realiza em estruturas específicas, os idiomas, relacionando, no discurso, palavras e conceitos que produzem signos – expressão articulada, por possui um parte significante e outra conceitual, e representativa, porque simboliza o referente.

Os homens manejam a comunicação por meio de signos cuja forma se difere de sociedade a sociedade, não por meio de sinais que seriam um mero decalque do mundo e, por isso, homogêneos entre todos os locutores da Terra. As denominações, pois, é que possibilitaram que houvesse culturas distintas no mundo. Em cada uma dessas culturas, podem ser engendradas transferências analógicas diversas que, por sua vez, produzem metáforas diversas. Por esse motivo, a seguir, problematizaremos em que consiste a analogia para que, no próximo item, possamos analisar o funcionamento de metáforas na Língua Portuguesa.

### **A analogia e a renovação da linguagem**

No quarto capítulo da seção “Linguistique diachronique”, Saussure discute o conceito de analogia tal qual ele foi emprestado da gramática grega antiga e praticado pelos neogramáticos contemporâneos a ele. O postulado que define a analogia é: “*il y a fait, changement analogique, quand à une forme traditionnelle*

---

<sup>8</sup> “expressão articulada e representativa e não por um sinal tal como um berro modulado”.

existente on en substitue une autre crée par association” (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 362)<sup>9</sup>. Notemos que ao conceito de mudança analógica, estão imbricados os de substituição, de criação e de associação. Isso porque o método que regula a analogia é a fórmula da quarta proporcional (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 363):

$$\begin{aligned} \text{oratore} &: \text{orator} = \text{honore} : x \\ x &= \text{honor} \end{aligned}$$

Este exemplo da língua latina que Saussure dá para explicar esse fato linguístico deixa entrever três elementos que entram no processo: (i) o tipo transmitido, isto é, a unidade linguística que serve de ponto de partida, no caso, “honos”; (ii) o tipo concorrente, a unidade linguística criada por associação, “honor”; (iii) o tipo coletivo, as unidades linguísticas que criaram o concorrente, “oratore”, “orator”, “honore”. Em outras palavras, na língua latina, havia a unidade “honos” que, por associação a palavras como “orator” e às suas próprias formas declinadas, como “honore”, foi substituída por “honor”.

Os neogramáticos costumavam ver esse fato linguístico como uma infração às leis da língua, já que preconizavam que havia um protótipo a ser seguido, no caso, “honos”, e que toda e qualquer modificação se configuraria como uma irregularidade com relação a essa forma ideal. Estão aí postas as idéias de superioridade, de perfeição, de estado primitivo, de origem, sem se perguntar se essa forma tida como protótipo não foi ela mesma precedida de alguma outra. Saussure, entretanto, se opunha a esse tipo de pensamento e afirmava que a analogia “c’est la façon normale pour la langue de se renouveler” (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 366)<sup>10</sup>. Sendo assim, ele se questionava se se tratava realmente de uma *mudança* ou de uma *inovação*.

Segundo Saussure (*apud* ENGLER, 1989, p. 368), a noção de mudança analógica equivaleria à de mudança fonética tal qual os neogramáticos teorizavam: há a **substituição** da forma ideal pela forma modificada e sua conseqüente transformação. A noção de inovação analógica implica a **passagem** de uma forma a

<sup>9</sup>: “há fato, mudança analógica, quando, de uma forma tradicional existente, substitui-se uma outra criada por associação”.

<sup>10</sup> “é a maneira normal pela qual a língua se renova”.



outra e a conseqüente criação de uma nova forma.

Para esse autor, “si l’on considère les différentes phases du phénomène, on ne surprend nulle part un changement. Donc dans ce qu’on appelle un changement analogique, il y a une création, une innovation suivie ou même non suivie de l’abandon de la première forme” (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 368)<sup>11</sup>. No funcionamento da língua, pois, não haveria mudança porque uma forma não é transformada em outra, no sentido de que a forma ideal sofreria uma modificação, mas há a inovação, dado que, por associação, criam-se novas formas, as quais podem subsumir ou não o tipo transmitido.

Saussure afirma, portanto, que a analogia, por implicar a inovação, configura-se como o princípio de criação da língua. Esse princípio se constitui de três propriedades (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 370-371): (i) é gramatical, na medida em que a ideia ou o sentido vêm em função da renovação da forma – sem o sentido não há como haver a associação; (ii) é “semi-inconsciente”, já que o locutor não tem controle absoluto sobre esse processo, uma vez que “l’analogie suppose un oubli momentanée de l’ancienne forme pour que la nouvelle surgisse”<sup>12</sup>; (iii) é sincrônico, porque depende do manejo de uma porção atual de língua, porção essa que se dá pela herança legada por um locutor, a fala.

Essas três propriedades juntas fazem com que a analogia seja e não seja uma criação, ao mesmo tempo: “elle a un double caractère: elle est 1° une création ; 2° elle n’est pas une création. 1° Il est vrai qu’on crée une nouvelle combinaison, mais 2° il faut que les éléments de cette combinaison soient déjà élaborés” (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 374)<sup>13</sup>, isto é, o locutor não se serve da fala ao seu bel prazer: seu manejo estará condicionado às leis sintagmáticas e associativas da língua; por isso, os elementos da combinação na analogia já estão, por assim dizer, elaborados, existem em potência na língua (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 374).

Criar, na analogia, não implica inventar, mas renovar. Por isso, nela está

---

<sup>11</sup> “se se considera as diferentes fases do fato linguístico, não se encontra mudança em nenhuma parte. Então, nisso que se chama de mudança analógica, há uma criação, uma inovação seguida ou não do abandono da primeira forma”.

<sup>12</sup> “a analogia supõe um esquecimento momentâneo da forma anterior para que a nova surja”.

<sup>13</sup> “ela possui um duplo caráter – 1° ela é uma criação e 2° ela não é uma criação. 1° É verdade que se cria uma nova combinação, mas 2° é necessário que os elementos dessa combinação tenham já sido elaborados”.

embutido um ato de interpretação (SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 375). Assim sendo, Saussure (1989, p. 377) chega à conclusão de que não apenas o método da quarta proporcional, presentes nas gramáticas européias, serve de base para a analogia, mas também o método analítico, das gramáticas hindus.

Nas gramáticas europeias, dá-se ao aluno o tipo transmitido em forma de palavra inteira, com o qual ele faz comparação com o tipo coletivo, também sob forma de palavras inteiras, criando o tipo concorrente. Nas gramáticas hindus, o aluno tem acesso apenas à raiz do tipo transmitido, do qual ele faz a análise de suas desinências/sufixos possíveis, comparando com as raízes do tipo coletivo e fazendo a reconstrução no tipo concorrente. De uma ou de outra forma, o locutor não inventa o que quer no tipo concorrente.

### **A metáfora e a analogia no emprego da Língua Portuguesa**

Dado que, para Benveniste (1963b, p. 28), a metáfora é a transferência analógica de denominações, há a passagem de sentido(s) a outro(s) em uma palavra ou em um agenciamento de palavras; por isso, há a inovação na denominação. Assim, a metáfora está para a analogia. Notemos bem que Benveniste não trata da metáfora enquanto *mudança* de denominações, mas enquanto **transferência**, isto é, passagem, no sentido saussuriano do termo. Se fosse mudança, um sentido substituiria o outro. Entretanto, sabemos que, na metáfora, tanto o(s) sentido(s) transmitido(s) quanto o(s) renovado(s) podem coexistir na língua, justamente pelo funcionamento do discurso.

Estudando o conceito de analogia em Saussure, pudemos observar que ele se prende muito na renovação da forma de uma palavra, embora deixe claro que o sentido é fundamental para que a forma possa ser renovada. Benveniste, entretanto, se refere à renovação da denominação, isto é, há renovação tanto quando a forma é inovada quanto o sentido. Denominar é simbolizar o mundo. Portanto, implica ambos a forma e o sentido no processo.

Especificamente no mecanismo da metáfora, porém, como ela constitui um fator de enriquecimento conceitual da linguagem, a analogia será empregada na criação de novos sentidos em uma palavra, mais do que na inovação da forma. Para refletir esse funcionamento no emprego da língua, escolhemos alguns títulos de artigos da Folha de São Paulo *online*, que apareciam na sua página de abertura no

dia 12/03/2015, para compor nosso *corpus* de estudo. Isso porque julgamos que a metáfora não é um mecanismo fértil somente na linguagem poética, mas também na linguagem ordinária, principalmente no que se refere ao jornalismo. Vejamos.

(i) Preço favorável faz soja ganhar espaço do milho nos EUA<sup>14</sup>.

Para que houvesse prosopopeia no enunciado acima, os sentidos de “soja” e de “milho” tiveram que ser ressignificados. Nenhum desses dois grãos possui a capacidade simbólica, portanto, não poderiam por si só apresentar-se como actantes no mundo. Desta forma, sua personificação se dá graças à transferência de sentidos daqueles que podem atuar no cenário mundial enquanto movimentadores da economia, os seres humanos, àqueles que, na verdade, são os “movimentados” na economia, os grãos. Vemos, pois, a metáfora possibilitando o uso da prosopopeia.

Além de personificada, a soja “ganhou espaço” nos Estados Unidos. Sabemos que, tratando-se de economia, não há um espaço com largura, altura e volume, antes pertencente ao milho, que agora é dado à soja. O que temos, na verdade, é uma instância financeira, de aumento de preços, que possibilita um grão de sobrepor-se em relação ao outro.

Por mais óbvios que possam parecer esses dizeres, observamos aí a complexidade do funcionamento da metáfora enquanto mecanismo da analogia. O método da quarta proporcional não caberia para explicá-lo, dado que o sentido não funciona como a forma, mas o método analítico teria mais utilidade: no eixo das associações, o locutor se depara com “ganhar presente”, “ganhar uma partida”, “ganhar uma competição”, “ganhar um brinde”, entre outros. “Ganhar espaço” torna-se possível porque o traço positivo que “ganhar” veicula faculta a “espaço” um sentido de “lucro”. Assim, o locutor agencia as formas já existentes para veicular sentidos novos pelo discurso, embora ele não tenha controle sobre esses sentidos.

(ii) Casar no papel ou só juntar as escovas?<sup>15</sup>

É possível que “casar no papel”, tamanha a sua recorrência no emprego da

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vaivem/2015/03/1601526-preco-favoravel-faz-soja-ganhar-espaco-do-milho-nos-eua.shtml>>. Acesso em 12 mar 2015.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://casardescasarrecasar.blogfolha.uol.com.br/2015/03/11/casar-no-papel-ou-so-juntar-as-escovas-2/>>. Acesso em 12 mar 2015.

Língua Portuguesa, já tenha se tornado catacrese. Entretanto, a função conceitual ainda permite observar seu funcionamento metafórico. Como tornar-se cônjuge implica a assinatura de documentos no cartório, “papel” foi vertido em signo que representa esses documentos no mundo. Atrelado a “em”, significando o modo desse casar-se, a frase em que é agenciado, “casar no papel”, passou, então, a preencher uma outra função conceitual por meio de uma criação analógica. Sendo compartilhado entre os locutores, estabilizou-se.

No segundo período da coordenada, a experiência de duas pessoas guardarem no mesmo armário ou recipiente do banheiro os utensílios de que se servem para limpar os dentes foi transmutada a signos sintagmatizados de modo a provocar o efeito de sentido de que moram juntas, “juntar as escovas”. Apenas o fato de o homem representar as coisas do mundo mediante funções conceituais e discursivas permite a complexidade dessa analogia. Se o homem tivesse acesso à coisa em si, esse tipo de fato linguístico não seria possível. Aliás, a própria língua não existiria, e o homem não seria homem. Observemos o próximo enunciado.

(iii) Especial mapeia o comércio ilegal<sup>16</sup>.

O acesso à coisa em si implica uma língua ideal que daria conta de referir univocamente ao mundo, o que foi propalado por teorias adâmicas, como a dos neogramáticos<sup>17</sup>, por exemplo. No jardim do Éden, o primeiro ser a que Adão conversou foi Deus, e este lhe teria falado em hebraico, língua que teria dado origem a todas as outras, as quais seriam uma reprodução defeituosa daquela. Por ter sido o hebraico a língua falada por Deus, ela teria a faculdade de fazer o homem aceder à essência das coisas.

Entretanto, se assim o fosse, o homem não falaria<sup>18</sup>: não é possível colocar a coisa na boca para fazer aceder às suas propriedades, mas apenas falar *sobre* a coisa, representado-a por símbolos via discurso. O simples fato de o hebraico ser língua e implicar a transmutação da experiência a signo leva a que haja um desencaixe entre signo e mundo, desencaixe esse que justamente permite a simbolização. Portanto, no enunciado acima, “mapear” simboliza a ação de fazer

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo/?cmpid=%22facefolha%22>>. Acesso em 12 mar 2015.

<sup>17</sup> SAUSSURE *apud* ENGLER, 1989, p. 366.

<sup>18</sup> Neste trabalho, focamos nossa atenção no funcionamento da linguagem verbal.

mapas, os quais já são por eles mesmos uma representação do mundo. No mapa, não se tem a topografia em si de um lugar, mas a re-apresentação dessa topografia.

Por analogia, “mapear” em “Especial mapeia comércio ilegal” simboliza o fato de uma reportagem especial da Folha vasculhar os caminhos e impactos do contrabando no Brasil, colocando isso, por assim dizer, em “mapa”. O comércio ilegal por si só já possui um funcionamento simbólico – se fosse coisa, seria fácil exterminá-lo: bastaria com jogar uma bomba nele, e pronto. Nesse enunciado, pois, há a simbolização da simbolização da simbolização.

E traçar um “mapa” disso é possível justamente porque a língua é imperfeita: ela permite que o pensamento seja organizado em forma, não em substância, o que, por sua vez, faculta ao homem construir representações por meio da linguagem e operá-las por meio do discurso. Essas representações, sendo renovadas pela analogia, concedem a metaforização dos sentidos de “mapear”, por exemplo: o sentido de fazer mapa de *algo do mundo* foi transferido para a denominação de fazer mapa de *algo simbólico* no mundo, o comércio ilegal.

(iv) Cigarro paraguaio rende 'lucro' de 179% aos contrabandistas<sup>19</sup>.

O funcionamento simbólico do contrabando é tido como à margem da sociedade. Por esse motivo, “lucro” é aspeado. Esse aspeamento marca, pois, uma transferência de denominações – o ganho auferido em operações comerciais lícitas é cedido às operações ilícitas, por isso, “lucro” é metaforizado. As aspas deixam pressuposto que o ganho por meios ilegais não pode ser visto propriamente como “lucro”. A necessidade de aspeá-lo, metaforizando-o, advém de um juízo de valor e, por conseguinte, da maneira como se compreende o contrabando.

Saussure, como já vimos, diz que a analogia implica um ato de interpretação, e é justamente isso que vemos aí. Inclusive na própria denominação de “contrabando” no dicionário: “it. *contrabbando* 'importação ou exportação de mercadorias, sem pagar direitos' <contra- + bando (got. \*bandwa 'senha, sinal')”<sup>20</sup>. Assim, na própria formação de “contrabando” vemos um funcionamento metafórico que possibilitou a aglutinação a fim de formar a denominação daquilo que vai contra a senha, senha essa que é o que se convencionou como legal na sociedade.

<sup>19</sup>Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo/a-entrada.html>>. Acesso em 12 mar 2015.

<sup>20</sup> CONTRABANDO. In: HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, não paginado.

(v) A cada momento surge uma 'armadilha' no Fies, afirma FMU<sup>21</sup>.

Por meio das denominações, a linguagem toma o papel de mediadora das experiências interiores de um locutor a outro, por se realizar sob formas específicas, os idiomas do mundo. Deste modo, as denominações são constituídas de signos, não de sinais. Os sinais funcionam como o rugido de um animal – é homogêneo para todos os animais daquela espécie. Se “armadilha” fosse um sinal, não veicularia sentidos na Língua Portuguesa. Além do mais, não poderia ser aspeado porque não tomaria sentidos metaforizados.

A transferência de denominações entre aquilo que serve para capturar animais e aquilo que se apresenta como problema no programa federal de ingresso ao ensino superior é a prova de que o homem *nomeia* o mundo, inclusive podendo fazer analogias conceituais entre essas nomeações, e não simplesmente *exprime* o que sente do mundo.

Por esse motivo, podem-se construir enunciados como: (i) “EUA atacam, o Brasil amacia”<sup>22</sup>, com relação à tomada de posição do governo estadunidense e do governo brasileiro frente à Venezuela; (ii) “Falar em impeachment cheira a golpe, afirma ministro”<sup>23</sup>, transferindo a recepção sensorial a uma percepção do funcionamento político no Estado brasileiro; (iii) “Lewandowski assina pedido e Toffoli passa a integrar turma da Lava Jato”<sup>24</sup>, em que o nome de uma CPI mostra-se claramente como possuindo um funcionamento metafórico; (iv) “Vídeo anti-Dilma recicla propaganda de Aécio”<sup>25</sup>, em que os sentidos de “reciclar”, por estarem muito atrelados aos “catadores ambulantes” no Brasil, são ressignificados por analogia neste enunciado de modo a conferir aos vídeos anti-Dilma um caráter pejorativo; dentre outros.

<sup>21</sup> Disponível em :< <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/03/1601771-a-cada-momento-surge-uma-armadilha-no-fies-diz-faculdade.shtml>>. Acesso em 12 mar 2015.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2015/03/1601658-eua-atacam-o-brasil-amacia.shtml>>. Acesso em 12 mar 2015.

<sup>23</sup> Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1601769-falar-em-impeachment-cheira-a-golpe-afirma-ministro.shtml> >. Acesso em 12 mar 2015.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1601315-lewandowski-assina-pedido-e-toffoli-passa-a-integrar-turma-da-lava-jato.shtml>>. Acesso em 12 mar 2015.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1601081-video-anti-dilma-recicla-propaganda-de-aecio.shtml>>. Acesso em 12 mar 2015.

## À guisa de conclusão

Tomando parte no funcionamento da prosopopeia, da catacrese, da aglutinação na formação de palavras, da utilização de sinais gráficos, a metáfora mostra-se não somente como uma figura de linguagem, mas como um mecanismo que permite o enriquecimento conceitual da linguagem.

Deste modo, compreendê-la fora dos moldes da noção de inovação linguística saussuriana é destituí-la de seu caráter analógico. A analogia é o princípio de re-criação da língua. Por isso, devemos dar mais atenção a ela. O fator que promove a renovação linguística não pode ser estudado de modo precipitado e simplista.

Benveniste, ao refletir sobre essas questões, retoma e transpõe Saussure. Retoma Saussure na medida em que recupera o conceito de analogia no seu caráter de enriquecimento, isto é, de renovação. Transpõe Saussure porque redireciona a questão da inovação linguística da forma para o sentido no discurso. Saussure funda-se no sentido naquilo em que ele proporciona o enriquecimento formal da língua; por isso, ele propõe o cálculo da quarta proporcional para analisar a analogia. Benveniste, no caso da metáfora, concebe a analogia como fator de enriquecimento conceitual, agregando à noção saussuriana.

Desta feita, tanto um como o outro concordavam com o fato de que a língua deve ser estudada nela e por ela mesma. A linguagem, sendo heteróclita, é o ponto a partir do qual o linguista procede para voltar-se ao estudo do sistema. Assim, ao estudarmos a metáfora, constatamos que, além de ser um tipo de manifestação da linguagem, funcionando como uma figura retórica, ela também é um operador de língua que renova outras manifestações da linguagem via discurso.

Nesse jogo, é possível entrever que tomar o objeto da Linguística de per se está para além da velha concepção falaciosa de estudar a forma pela forma: é pelo discurso que a língua se constitui enquanto forma.

## Referências

AGUSTINI, C; ARAÚJO; LEITE, J. Émile Benveniste, uma letra que encarna a linguagem. Pouso Alegre: Revista Entremeios, 2015, v.10, p. 115-121. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/232.pdf>> Acesso em 2 mar 2015.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966.

- \_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1974.
- \_\_\_\_\_. Saussure après un demi-siècle. Cahiers Ferdinand de Saussure, 1963a. In: BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966, p. 32-48.
- \_\_\_\_\_. Les niveaux de l'analyse linguistique. Proceedings of the 9th International Congress of Linguists, 1962. In: BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966, p. 119-131.
- \_\_\_\_\_. Coup d'oeil sur le développement de la linguistique. Académie des Inscriptions et belles-lettres, 1963b. In: BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966, p. 18-31.
- HOUAISS, A; VILLAR, M; FRANCO, F (ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JEUGE-MAYNART, I (org). **Larousse: dictionnaires de français**. Paris: Larousse, 2012. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>> Acesso em 18 jun 2016.
- MORVAN, D (org). **Le Robert de poche**. Paris: Sejer, 2011.
- SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989.

Recebido em 16 de fevereiro de 2016  
Aceito em 28 de abril de 2016